

29/4/62

Corrêa de Mello

Celso Maria de Melo Pupo

(Da Sociedade dos Amigos da Cidade)

Aos 23 de abril de 1838, a casa do cirurgião-mór Cândido Gonçalves Gomide e de sua esposa Da. Zeferina Maria Pimenta de Moraes, engalanava-se para uma festa de núpcias: casava-se a sinhasinha filha do casal, Cândida Querubina, com o farmacêutico Joaquim Corrêa de Mello, mouro de 22 anos. Nesta solenidade assinalou-se este desconhecido nome que cabia ao conhecido "Quinzinho da Botica".

O noivo que era filho de um militar português, o Capitão de cavalaria Fortunato Corrêa de Mello, emigrado para o Brasil por questões políticas, fazia seus preparatórios para cursar a Academia de Direito quando a morte do pai o privou dos recursos para continuação dos estudos. Francisco Alvaro Machado, constatando o talento do jovem e fracassado preparatoriano de direito, colocou-se em sua farmácia, em Campinas, dando-lhe mais tarde sociedade e fazendo-o formar-se no Rio de Janeiro onde recebeu o diploma "optime cum laude", dois anos antes das nupcias com a filha do Cirurgião Gomide.

Estudioso e inteiramente dedicado à sua profissão, estendeu-se logo Corrêa de Mello, avançando-se aos tratados e estudos alheios, nas próprias investigações pela flora-brasileira, recolhendo na prática dos curiosos da época e enriquecendo-se nos seus estudos e descobertas. Fez-se um sábio, profundamente modesto e de imensa bondade; correspondeu-se com vários e notáveis sábios da Europa, fornecendo-lhes classificações e descrições da desconhecida flora brasileira; e distribuiu entre as famílias de Campinas, o alívio dos seus conhecimentos de farmácia, curando os pobres, salvando, especialmente, as crianças que mereciam seus mais dedicados cuidados.

Seu nome, desconhecido em sua pátria, espalhou-se nas esferas científicas do velho mundo. Estando o nosso Imperador Dom Pedro II em Londres, fez uma visita a Linnean Society, da qual era renomado associado, passando a examinar uma seleta galeria de retratos de sábios que mereciam as reverências da sociedade. Com pasmo dos ingleses, Dom Pedro, assim como seus aulicos acompanhantes, não conhecia um sábio brasileiro, ali reverenciado com o retrato na coletânea, e que se chamava Joaquim Corrêa de Mello. Só depois da visita, foi descoberto quem, com ginástica de memória, lembrou-se que o retrato e o desconhecido nome do sábio brasileiro pertenciam a um Quinzinho da Botica, residente em Campinas.

Veio o Imperador visitar nossa terra. No solar que o recebeu, cercado de fidalguia, colhendo as homenagens dos súditos que tanto queriam servi-lo e agrada-lo, manifestou aos presentes seu desejo de conhecer pessoalmente o sábio campineiro, mundialmente conhecido, Joaquim Corrêa de Mello. Grande embaraço para a gente de Campinas, pois ninguém lembrava-se do nome citado pelo imperante. Alguém, de melhor memória, com esforço identificou-o como o "Quinzinho da Botica" cujo nome, neste passo da história, só três vezes tinha sido lembrado pelos compatriotas: no casamento, na Linnean Society e nesta visita majestática.

Dom Pedro foi satisfeito com a presença de Corrêa de Mello. Não o largou enquanto permaneceu em Campinas e, regressando à corte, distinguiu o sábio desta cidade presenteando-o com a valiosa obra botânica de von Martius.

Corrêa de Mello correspondeu-se com o mun-

do científico da Europa. Forneceu a muitos sábios, estudos profundos da flora brasileira e desenhos de exemplares desconhecidos, desenhos coloridos talentosamente feitos pela sua dedicada filha Francisca, até o seu falecimento em 20 de dezembro de 1877.

Sua morte consternou Campinas; toda a pobreza que ele acudia, curando, aliviando com a bondade do seu coração e com sua medicação; toda a sociedade que aprendera a admirá-lo com as lições imperiais, chorou seu desaparecimento. A Câmara Municipal fez registrar em ata seu profundo pesar, por proposta dos vereadores Campos Sales, Jorge Miranda e Antonio Quirino dos Santos. Seu enterro foi uma apoteóse.

Logo depois formou-se grande comissão para homenagear o sábio e perpetuar-lhe a memória. Todo o povo concorreu; o comércio, a laivoura, os grandes senhores, prestaram o concurso financeiro, acumulando vultoso pecúlio, e assentando a criação de uma estátua localizada em frente a Catedral.

No ano seguinte, 1878, outra resolução foi tomada: em lugar da criação da estatua, construiu-se uma escola mista, primária e gratuita sob o título de "Escola Corrêa de Mello". Desde então foi esquecido o Quinzinho da Botica e Corrêa de Mello passou a ser o símbolo da bondade, do despreendimento e de cultura.

A escola foi construída por Ramos de Azevedo no Largo do Jorumbetal, hoje Praça Corrêa de Mello, ou vulgarmente, no Largo do Mercado. E para dizer alguma coisa sobre a construção basta citar o seu construtor e lembrar que a Comissão nomeada pelo então presidente de nossa Câmara Municipal para estudar a organização do Museu Histórico, comissão que teve a honra de presidir, comissão que entregou à Edilidade o relatório e projeto do museu, em 9-4-49, comissão que trouxe a Campinas dois lumináres das letras patrias, o Dr. Afonso d'Escagnole Taunay e o Dr. Pelágio Alvares Lobo, figuras que participaram dos trabalhos, iluminando-os, figuras que apontaram o prédio da Escola Corrêa de Mello como um dos vários aceitos para sede do Museu Histórico.

Compunham esta Comissão, além dos já citados, nomes de significação na vida de Campinas Dr. Azael Alvares Lobo, Prof. Celso Ferraz de Camargo, Prof. Floriano Peixoto de Azevedo Marques, Prof. João Lourenço Rodrigues, Sr. José de Castro Mendes, Sr. José Dias Leme, Sr. Luso Ventura e o Comendador Theodoro de Sousa Campos Júnior.

De boa construção e tradicional, o prédio é caro para a cidade. E lembremo-nos que a tradição não é velharia, não é prosápia, não é saudosismo. Tradição é a civilização que se faz através de gerações e gerações; é o acúmulo de realizações, de descobertas, de aperfeiçoamentos que nossos antepassados, antepassados do povo, vieram acrescentando ao patrimônio moral e intelectual da humanidade e que nos cabe enriquecer e acrescentar para legá-lo aos pósteros como nos fizeram nossos avós.

Querem demolir o prédio. Projeta-se um novo mercado com uma nova estação de "jardineiras". Não haverá em Campinas um projetista esclarecido que, conhecendo nosso relato sobre Corrêa de Mello, projete novo mercado, nova estação de "jardineiras" sem demolir conservando, destacando, honrando o monumento que o povo agradecido, especialmente o povo pobre, erigiu ao sábio, ao caridoso, ao desprendido Joaquim Corrêa de Mello?